

# FRANZ WEISSMANN

o vazio como forma



Esta não é uma retrospectiva de Franz Weissmann, mas uma antologia em formato não cronológico. Professor, artista, participante dos mais importantes movimentos da arte brasileira da segunda metade do século XX, ganhador de vários prêmios, incluindo o da 4ª Bienal de São Paulo (1957), e com uma produção de cerca de 60 anos, Weissmann teve presença decisiva na passagem do moderno ao contemporâneo nas artes visuais brasileiras. Em pouco tempo, criou uma nova trajetória para a escultura no país, pois, suprimindo sua base, transmitiu a ela uma qualidade de desenho no espaço, e, com poucos pontos de fixação, conseguiu que uma obra que pesasse centenas de quilos pousasse sobriamente no solo.

São Paulo não recebia uma exposição com tantas obras de Weissmann há aproximadamente 20 anos. Estão aqui seus trabalhos icônicos, mas também e especialmente aqueles nunca vistos, como alguns Amassados e desenhos realiza - dos no início da década de 1960, após sua viagem à Índia e ao Japão.

Gostaria de ressaltar alguns vetores que a exposição explora. O primeiro é a forma como conclama o espectador para a participação, mesmo se tratando de uma escultura que foge a qualquer recurso tecnológico e não possui articulações móveis ou relações cinéticas. Ao circundar suas esculturas, presenciamos uma renovada construção de formas, sempre pelo prisma de uma economia de gestos. O segundo vetor é a cor, cuja intenção é transmitir ainda mais força expressiva e dinâmica, "comunicá-la mais, quebrar o silêncio da pureza geométrica", em suas próprias palavras. Ademais, Weissmann foi um dos primeiros artistas brasileiros a adotar a cor na escultura, afirmando também que "a própria cor natural da ferrugem é uma cor".

Finalmente, ao lado do Rio de Janeiro, é em São Paulo que se encontra a maior parte das obras públicas de Weissmann. Fica o convite para que a exposição, além da visita às galerias, se estenda pelas ruas da cidade.

**Felipe Scovino**

Um artista que visualizava o macro no micro: criava de maquetes a esculturas de grandes proporções, uma das marcas de seu trabalho. Interessado em suas criações expostas em calçadas e praças exatamente por causa do acesso, Franz Weissmann chega agora ao Itaú Cultural, onde o público poderá ter um contato com obras de todas as fases de sua longa produção.

Com curadoria de Felipe Scovino, a exposição Franz Weissmann: o Vazio como Forma entra para a lista de mostras individuais de nomes importantes das artes visuais no Brasil organizadas pelo Itaú Cultural (como Lygia Clark, Waldemar Cordeiro, Sergio Camargo e Véio). Desta vez, a concepção e a realização são do Itaú Cultural, em parceria com o Instituto Franz Weissmann.

A exposição é um passeio por tamanhos, formas e cores, em que a vasta produção de Weissmann é mostrada através de um olhar panorâmico. Além das esculturas, há mais de 50 desenhos inéditos, trabalhos em chapas de alumínio que integram a série Amassados e uma obra em realidade virtual simulada em espaço público.



# MEZANINO

Cada andar desta exposição corresponde a um modo de observar ou colocar em questão a obra de Franz Weissmann. Neste piso estão concentrados os três trabalhos de maior escala na mostra. E começar o percurso dessa maneira tem um significado bastante especial. São obras que aparecem no mundo de maneira pendular: por um lado, o seu peso e sua escala são evidentemente maiores que os do restante das peças exibidas, mas, por outro lado, o que temos é a imagem da leveza acionada na massa sendo implodida e no volume sendo atravessado pelo ar.

A torção do material industrial e a forma como o vazio institui uma nova condição de volume rompem com a ideia de estabilidade da escultura, pois essas obras traçam virtualidades e estipulam territórios, revelados à medida que percorremos os seus perímetros. O que assistimos nesta primeira sala é o olho perfurando o corpo dessas esculturas, como no caso de Ponte (1957-1979).

A expografia constrói um encadeamento do olhar. Podemos perceber uma transformação contínua do cubo. Por meio de torções e dobras do plano, a geometria, para além do diálogo intrínseco com a arquitetura, ganha contornos orgânicos. Na transição de um cubo que se desdobra provocando estruturas que pulverizam sua forma original, surge a imagem de uma pétala. Janelas, torres e colunas se multiplicam pelo espaço, problematizando a permanência da base, uma das marcas definidoras da escultura. Gradativamente, substitui-se a base por poucos pontos de fixação, o que se torna ainda mais admirável quando a escultura possui algumas toneladas.

Por fim, o que se apresenta é a cor. Weissmann foi um dos primeiros artistas brasileiros a colorir a escultura e afirmar que "a própria cor natural da ferrugem é uma cor". Isso implica entender que, metaforicamente, a escultura é um corpo e a ferrugem representa exatamente a passagem do tempo.

A primeira sala deste piso expõe os primeiros anos de produção de Franz Weissmann. Seus desenhos e suas esculturas figurativas já possuíam o signo moderno da abstração. Vemos influência da linha sem peso de Matisse ou de um acento cubista. Partindo do modelo vivo, o desenho do nu foi importante para Weissmann compreender os contornos do corpo como linha. Pouco a pouco, ele retira o volume de suas esculturas, o vazio passa a figurar com mais frequência e os desenhos refletem essa mesma postura. Dois extensos desenhos geométricos, assim como as Carambolas (ca. 1949), afirmam definitivamente o seu interesse pela abstração e abrem espaço para a produção do Cubo Vazado, que “espreita” a sala dos figurativos.

Weissmann participou de dois compromissos estéticos importantes para a arte brasileira, ambos baseados no Rio de Janeiro (RJ). Entre 1955 e 1956, integrou o Grupo Frente, junto com Abraham Palatnik, Hélio Oiticica, Ivan Serpa, Lygia Clark e Lygia Pape, entre outros. E, entre 1959 e 1961, participou das exposições do Grupo Neoconcreto, formado por grande parte dos artistas do Grupo Frente e por poetas visuais. As pesquisas desses artistas, guardadas suas especificidades, conclamavam o espectador ao sensório, alegoricamente transformavam a obra em corpo, dobravam ou torciam o plano desejando o espaço e fundamentalmente superavam as expectativas mais conservadoras sobre o que deveriam ser pintura e escultura. Escultura Linear e Escultura em Fio são exemplos de obras de Weissmann desse período expostas neste andar.

Já nos Amassados, realizados quando morava na Europa, no início dos anos 1960, percebe-se a proximidade com a economia gestual de um ideograma – é por isso que estão expostos perto dos desenhos realizados pelo artista após uma viagem ao Oriente. Sobre alumínio e feitos a marteladas, os desenhos demonstram a incidência de linhas que acabam por criar áreas expressivas. Ao iniciar sua trajetória, Weissmann queria ser pintor, e, de certa forma, isso sempre o marcou.

A mesa com os cubos, por sua vez, ressalta o campo de expansão e vibração da geometria. Ao abrir o cubo e retirar sua massa, passamos a explorar o volume como vazio. Mais do que isso, pode se dar um jogo entre a obra e o espectador, que é convidado a participar dessa expansão contínua e virtual da forma.

Neste piso temos contato com um dos processos dialéticos mais intensos e poéticos da obra de Weissmann. As estantes apresentam parte das centenas de maquetes, múltiplos, protótipos e estudos para suas esculturas, suas pinturas e seus projetos destinados ao espaço público. Compõem ainda este espaço expositivo imagens dos ateliês do artista que enfocam a gestualidade concisa para a realização desses estudos, assim como registram a presença das máquinas que realizavam o corte das chapas de metal. Entre 1956 e 1982, o artista trabalha no bairro de Ramos, no Rio de Janeiro (RJ), em um ateliê que dividia espaço com a fábrica de carroceria de ônibus Ciferal, de propriedade de seu irmão. Se em Ipanema, seu misto de casa e ateliê, o artista produzia o protótipo com suas mãos, é em Ramos, com o auxílio do corte industrial, que se deu o aumento da escala de suas esculturas. E não só sua escala aumenta como essas esculturas também chegam ao espaço público.

Percebemos que sua obra começa numa escala mínima e intimista. Seus estudos ficavam em inúmeras estantes, nos ateliês, sempre próximas de seu olhar. Diariamente, testava nessas obras – ao trabalhar com materiais que variavam entre o alumínio, o ferro, a madeira e o papel laminado, entre outros – os próximos desafios que as faria transpor. Para se ter ideia do grau de inventividade e da escala diminuta, o papel laminado que embalava o queijo processado serviu como dispositivo para estudar o que seria um Amassado.

O que este núcleo explora é a maneira como o artista avança do micro ao macro, da produção de um protótipo com as mãos à escala industrial, transformando-o em uma escultura por meio do corte de chapas de aço, alumínio ou ferro. Assim, para alcançar a fase final de produção de uma escultura em grande escala para espaços públicos, era preciso realizar um gesto muito simples, mas decisivo: torcer com as mãos o rígido material, tornar mole aquilo que é identificado como próprio do campo da indústria. Este núcleo não pretende simular o ateliê do artista, mas evidenciar o quanto o seu trabalho foi regido por delicadeza, gestos expressivos e economia de métodos.

